



Estudos Teológicos foi licenciado com uma Licença Creative Commons –
Atribuição – NãoComercial – SemDerivados 3.0 Não Adaptada

<http://dx.doi.org/10.22351/et.v60i2.4044>

IGREJA CATÓLICA E FÉ CRISTÃ EM TEMPOS DE CORONAVÍRUS/COVID-19¹

Catholic Church and Christian faith in times of Coronavirus/Covid-19

Elias Wolff²

Resumo: A pandemia do novo coronavírus/Covid-19 leva a humanidade a repensar o sentido e a forma de viver e de conviver. Questionam-se os critérios utilizados para a organização da vida pessoal e coletiva e propõe-se uma reinvenção da humanidade. É comum a afirmação de que “depois da pandemia, nada será como antes!”. Será? Este estudo tem como objetivo verificar em que medida o atual contexto de mudanças diz respeito também à igreja, aqui considerada na tradição católico-romana no Brasil. Analisa como, durante a pandemia, a igreja enfrenta o desafio por mudanças na forma de realizar a missão e de celebrar a fé; identifica os principais âmbitos dessas mudanças e analisa sua eficácia para o acompanhamento dos fiéis durante a pandemia. Finalmente, levanta a questão se tais mudanças apontam para uma reinvenção da igreja para os tempos pós-pandêmicos, *pari passu* com a reinvenção da humanidade.

Palavras-chave: Pandemia coronavírus/Covid 19. Fé cristã. Igreja. Missão.

Abstract: A new coronavirus/Covid-19 pandemic leads the humanity to rethink the meaning and the way of living and coexisting. The requirements used for the organization of personal and collective life are questioned and they suggest a reinvention of humanity. It is common to say that ‘after the pandemic, nothing will be the same as before!’ Really? This study aims to verify to what extent this context of changes also concerns the church, considered here in the Roman Catholic tradition in Brazil. Analyze how, during the pandemic, the church faces the challenge for changes in the way of carrying out a mission and celebrating the faith; it identifies the main areas of these changes and analyzes their effectiveness in accompanying the faithful during a pandemic. Finally, it raises a question if these changes point to a reinvention of the church for post-pandemic times, in line with the quest for the reinvention of humanity.

Keywords: Coronavirus pandemic/Covid-19. Christian faith. Church. Mission.

¹ O artigo foi recebido em 21 de julho de 2020 e aprovado em 23 de setembro de 2020 com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*.

² Doutor. PUC-PR. E-mail: elias.wolff@pucpr.br

Introdução

Desde a antiguidade houve-se falar de epidemias. A própria Bíblia trabalha com símbolos como tempestades e pestes que transformam a ordem das coisas, como as que precederam a fuga dos israelitas no Egito, no livro do Êxodo. Em meados do século XIV, a Europa teve a Peste Negra/Bubônica; no início do século XX é bem conhecida a Gripe Espanhola (1918-19); no século XX tivemos, ainda, SARS-MERS, Ebola, Dengue, Zika, Chicungunha. E agora, no século XXI, tem o novo coronavírus e a Covid-19. São momentos de extrema aflição, sofrimento e morte, que causam medo e pânico em grande parte da humanidade. Momentos em que se perde a segurança em diversos âmbitos da vida pessoal e social, questionando na raiz as certezas tidas como seguras e as referências culturais, morais e religiosas. Afinal, é a vida que está em risco.

É o que sentimos com o novo coronavírus e a Covid-19 desde dezembro de 2019. Até o momento em que concluo este artigo (junho de 2020), a pandemia infectou milhões de pessoas e causou mais de 400 mil mortes em todo o mundo. No Brasil, registram-se 923.189 casos de Covid-19 e 45.241 mortes, e analistas dizem que ainda não se atingiu o pico da curva. Essa realidade exige uma análise antropoteológica que seja capaz de explicitar as implicações para a fé cristã e a missão da igreja em tempos de Covid-19. Tal é o nosso intento neste estudo.

O fator coronavírus

É importante analisarmos, primeiramente, o fato: trata-se de um vírus, ou seja, um minúsculo micro-organismo vivo, quase no tamanho de nanopartículas, visível apenas com a mais alta tecnologia de potentes microscópios eletrônicos, de origem ainda desconhecida. De um lado, entende-se que “os vírus formam parte de um mundo finito e em evolução”. Bactérias e vírus sempre existiram e existirão. De outro lado, alguns deles proliferam de modo ameaçador dizimando vidas complexas, como é a do ser humano. Tal é o que ocorre com o coronavírus, causando mudanças de toda ordem na vida das sociedades em âmbito nacional e internacional. De repente, populações inteiras de diversos países se veem obrigadas a tomar medidas de segurança e de proteção que mudam completamente a rotina cotidiana. Um sistema de quarentena é imposto, exigindo o autoisolamento “voluntário” das pessoas em suas próprias residências; os países fecham suas fronteiras; os aeroportos e as estações de trem e de ônibus são bloqueados; interrompem-se os trabalhos nas fábricas; os *shoppings* e quase todo tipo de comércio fecham as portas; as agendas dos eventos esportivos e culturais são canceladas; as escolas e as universidades são obrigadas a mudar o calendário acadêmico ou optar pela modalidade de aulas remotas pelas plataformas digitais; as igrejas não reúnem seus fiéis para as celebrações.

Nos momentos de altos picos da pandemia, existe mais que meras mudanças na vida das sociedades, tem-se a impressão de que o mundo para! O ritmo frenético e alucinado das grandes cidades dá espaço para a calma das ruas desertas; o mo-

vimento das indústrias cessa; os progressos tecnológicos tornam-se insignificantes para conter a vertiginosa proliferação do novo coronavírus; o poder econômico nada é diante do seu poder destruidor; a pauta dos debates políticos gira em torno de um só tema: coronavírus – Covid-19. E, assim, nações divididas em questões como o armamentismo, as migrações e as mudanças climáticas, por alguns instantes, sentem-se unidas em projetos para interromper a cadeia de transmissão do coronavírus e de vencer a Covid-19. É o que se viu com potências mundiais historicamente desunidas, como EUA e China, numa brevíssima pausa no bloqueio econômico, em abril de 2020, para que a China envie máscaras, luvas e aparelhos de respiração para os EUA; Vladimir Putin se posicionou com aberturas para cooperação com os EUA na superação da pandemia. Contudo, foram gestos e intenções que em nada influenciaram para mudanças na geopolítica.

O fato é que o vírus atinge todas as pessoas, sem qualquer distinção. E a humanidade se conscientiza de que “estamos todos no mesmo barco”, como afirmou o papa Francisco na praça de São Pedro, em 27 de março, num momento de oração tão profunda que, mesmo sozinho, congregou a humanidade inteira numa verdadeira solidariedade espiritual. A condição comum da natureza mostra que o vírus é uma ameaça a todo ser humano, independente da situação social, cultural ou religiosa. Nações ou classes ricas e pobres; pessoas teístas ou ateias; cultas ou incultas; homem ou mulher; crianças, jovens, idosas, ninguém está livre da real ameaça do novo coronavírus. A pandemia expõe a vulnerabilidade e provisoriade da vida terrena. A ameaça da morte paira no ar, literalmente. Em alguns ambientes, o simples ato de respirar, tão vital para os seres vivos, pode ser um grande um risco. E o único tratamento seguro no momento é proteger-se, isolar-se das pessoas, mesmo as que tanto amamos. As relações mais seguras são virtuais, pelas quais a intensidade da realidade sentida depende dos *pixels* das imagens e da capacidade de conexão. E nisso se revela uma grande verdade:

Podemos nos assomar ao mundo através de uma tela, e o mundo, através dessa mesma tela, pode desembarcar na nossa casa. No entanto, a realidade da nossa carne diz que não podemos abraçar um pai idoso, um neto, um namorado do outro lado da rua. A tecnologia que promete onipotência hoje só pode parar diante do fato de que não somos onipotentes³.

Essa é principal certeza do momento. E apenas assumindo essa condição é que podemos nos precaver contra a Covid-19. De fato, muitas pessoas foram infectadas pelo coronavírus e morreram porque se consideraram imunes, desdenhando sua letalidade, como afirmou o presidente do Brasil em um pronunciamento oficial à população brasileira, que seria apenas “uma gripezinha ou resfriadinho”⁴; ou o presidente dos

³ SERVIÇO PARA O APOSTOLADO DIGITAL DA ARQUIDIOCESE DE TURIN – ITÁLIA. Tecnologia, coronavírus, casa e fé. *Revista IHU On Line*. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/597238-coronavirus-vida-e-fe-no-ambiente-digital-um-manual>>. Acesso em: 05 maio 2020.

⁴ VANUCHI, Camilo. *A pandemia de Covid-19 segundo Bolsonaro: da “gripezinha” ao “e daí?”*. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/colunas/camilo-vannuchi/2020/04/30/a-pandemia-de-covid-19-segundo-bolsonaro-da-gripezinha-ao-e-dai.htm?cmpid=copiaecola>>. Acesso em: 20 maio 2020.

EUA que inicialmente negou a gravidade da pandemia afirmando “estamos prontos” e “somos superiores”⁵. Poucos meses depois, o Brasil conta 136.895 mortes⁶; e os EUA têm mais de 200 mil mortes⁷ por causa do novo coronavírus.

Na busca das causas do coronavírus, surgem as mais variadas teses, à altura da postura política, ideológica, cultural ou religiosa de quem as afirma. Há quem culpe a China de ter inventado o coronavírus por interesses econômicos e políticos, o que gera também atitudes de preconceito em relação ao povo chinês; leituras religiosas afirmam a pandemia como um castigo divino ou uma “tática de Satanás”; a ciência o vê como um processo natural advindo de uma zoonose, provavelmente mudanças biológicas dos morcegos. Tal como a causa, também a solução para a pandemia é vista dependendo das posturas diversas. No Brasil, líderes religiosos pentecostais apresentam rituais com poder de “amarrar o novo coronavírus em Cristo”; ou álcool em gel “abençoado”, vendido a preços exorbitantes porque concede “poder/grança” para imunizar o fiel. Na Grécia, o Santo Sínodo da Igreja Ortodoxa emitiu, em 09/03/2020, uma declaração afirmando que os fiéis podiam continuar recebendo o vinho consagrado conforme a tradição (utilizando uma mesma colher para todos os participantes da missa), pois a comunhão representa o corpo de Deus e esse não tem vírus. Além disso, quem comunga está se aproximando de Deus, que tem o poder de curar. Admite-se, porém, a possibilidade de pegar o vírus se não tiver fé...

Em tudo isso, o cidadão comum pergunta-se em quem acreditar: se nos profissionais da saúde e da ciência ou nas lideranças políticas e do mercado; ou nos líderes religiosos. Gera-se uma pandemia de desinformação, *fake news* e achismos, que dão ainda mais instabilidade psicológica e emocional à sociedade, já com sérias dificuldades para enfrentar a situação causada pela pandemia.⁸ Para muitos, o medo da infecção generalizada e o estado de quarentena levam ao pânico e à depressão. É difícil lidar com o desconhecido sem consequências psicológicas negativas.

Igualmente difícil é assumir com serenidade o estado de quarentena, mesmo se favorece algo que sempre se reclama e que agora muitas pessoas têm de sobra: tempo para estar em casa. A questão é o que fazer com o tempo, como vivê-lo de modo enriquecedor, para quem não se programou para isso. Propostas povoam nos *cyberespaços*, principalmente nas plataformas digitais: cursos de culinária, música,

⁵ DIOGO, Bercito. Presidente disse que coronavírus não era problema grave e tentou tirar verbas da saúde. *Folha de São Paulo*. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/03/com-desmonte-e-fake-news-governo-trump-prejudicou-1a-reacao-ao-coronavirus.shtml>>. Acesso em: 02 jun. 2020.

⁶ CORONAVÍRUS. *Folha de São Paulo*. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/09/20/covid-19-mortes-casos-20-setembro.htm>>. Acesso em: 20 set. 2020.

⁷ EUA ultrapassam marca de 200 mil mortos por COVID-19. *Brasil 247*. Disponível em: <<https://www.brasil247.com/mundo/eua-ultrapassam-marca-de-200-mil-mortos-por-covid-19-c2pma7x0>>. Acesso em: 20 set. 2020.

⁸ Assim se manifestou a diocese de Turin: “No caos pandêmico, habitamos o caos informacional, imersos em um habitat que nos desorienta, fingindo que nos tranquiliza. Devemos estar cientes de que a relação com as fontes digitais do saber é indireta, manipulada por fins ideológicos, econômicos, pseudoculturais e, muitas vezes, não rastreáveis, chamadas de filtros-bolha. Esses sistemas reforçam as nossas crenças e opiniões, em vez de nos fornecer dados alternativos e diferentes. Neste tempo de medos, eles fortalecerão os nossos medos” (SERVIÇO PARA O APOSTOLADO DIGITAL DA ARQUIDIOCESE DE TURIN, 2020).

idiomas; *personal trainer* para exercícios físicos; psicólogos para evitar o estresse, o medo, o pânico e a depressão; líderes religiosos para meditações espirituais e celebrações. Mesmo assim, quem tem agora o tempo que sempre reclamou, nem sempre tem a criatividade ou os recursos necessários para bem programar o seu uso.

Também a “calma” exigida para a vida das cidades pode ser agora experimentada, principalmente nos finais de semana. Onde a quarentena é de fato observada, as ruas estão desertas, lojas, bares, restaurantes e parques silenciosos. Mesmo nos templos religiosos o uso do espaço é limitado. Ninguém pode reclamar de não ter tempo, de não poder parar – embora possa reclamar de não ter calma, sobretudo, se quiser ler as inúmeras mensagens que chegam pelo *WhatsApp* e os *e-mails*: há uma “superexposição digital e midiática, correndo o risco do colapso da nossa capacidade de escolher e discernir. Mais tempo disponível e o acesso facilitado e oferecido por novas plataformas multiplicaram até a saturação as nossas conexões”⁹. Mas não se pode deixar de observar que muito da reclamação do excesso de tempo, de estar tudo parado é, de fato, indício da falta de condições para aguentar a si mesmo. De um lado, percebe-se que correr sempre, inovar freneticamente, produzir e competir em nada contribuem para superar a ameaça do novo coronavírus. De outro lado, é um difícil exercício reprogramar o modo de viver durante a quarentena, usufruir do silêncio do isolamento e da paciência do tempo, que parece correr mais lentamente quando não se está no agito costumeiro.

É bem verdade: quem está em regime de *home office* viu seu tempo reduzido para atender às tantas demandas que se avolumam constantemente. Aumentam consideravelmente as exigências da eficiência profissional, agora exercida em uma plataforma digital, com a qual muitos não são acostumados; a facilidade do contato multiplica as reuniões e com elas as obrigações e as responsabilidades. Para essas pessoas, o tempo continua, de fato, escasso.

A igreja em tempos de Covid-19

As mudanças de comportamento, pessoal e social, impostas para evitar o contágio do novo coronavírus atingem também a igreja e a forma de viver a fé cristã. A crise econômica, política e cultural na qual o mundo inteiro mergulhou neste momento de pandemia tem fortes implicações religiosas, com destaque para dois fatores: o primeiro diz respeito à pergunta sobre como, em meio à pandemia, afirmar a fé em Deus; e o segundo diz respeito à ação pastoral da igreja nesse contexto. Assim como não se tem certeza sobre como organizar a vida social, como evitar o contágio do coronavírus, como manter estável a economia dos países, também a igreja não tem certeza sobre como agir pastoralmente para oferecer a seus membros um eficaz acompanhamento espiritual. Na verdade, mais do que uma crise sobre “o que” crer e propor, é crise sobre “o modo” adequado para fazê-lo. O conteúdo da proposta da igreja é sempre o mesmo: Cristo e seu Evangelho do reino da vida em abundância

⁹ SERVIÇO PARA O APOSTOLADO DIGITAL DA ARQUIDIOCESE DE TURIN, 2020.

(Jo 10.10). Mas com os templos fechados ou com reduzidíssimo número de participantes nas celebrações, emerge a questão sobre como transmitir esse conteúdo com plausibilidade de acolhida pelos fiéis. A saída foi a mídia eletrônica e digital: missas televisionadas e transmitidas *on-line* povoaram o mundo da internet; as plataformas digitais como *Zoom*, *Hangout* e *Teams*, entre outras, substituem as salas de catequese e se transformam numa espécie de templos virtuais onde as pessoas “se encontram” para rezar; a celebração da fé depende da capacidade de conexão *on-line*, quase em concorrência com o Espírito que atua nas celebrações.

Esses recursos são mais que ferramentas para reuniões e meios de comunicação, eles dão à igreja uma nova configuração, aliás já bem experimentada muito antes da pandemia por quem investe na igreja eletrônica, midiática, virtual. Nesses meios estão principalmente quem exerce ministérios ordenados e, sobretudo, pessoas jovens, cativadas por tudo o que aparece na tela. Agora essa é a principal forma – se não única nos meios urbanos – que as paróquias encontram para manter alguma programação pastoral. Acredita-se que, mesmo na celebração virtual, a comunhão espiritual é real – não, porém, sem considerável confusão entre “participar” e “assistir” a liturgia. De um lado, é verdade que esses meios possibilitam à igreja a transmissão de orientações práticas e do consolo espiritual, com significativa possibilidade de uma recepção que sustente a fé e a esperança das pessoas. A oração, na forma do culto litúrgico, da leitura e meditação da Bíblia, do terço, ou outra, combate a aflição e a angústia existencial causada pela pandemia. Diz um padre brasileiro: “Quantas pessoas estão alimentando seu espírito por meio de novas tecnologias hoje em dia, quantas pessoas estão sentindo a presença de Deus em suas vidas, quantas pessoas estão sendo ajudadas a resistir”¹⁰. Por outro lado, nem tudo é pastoralmente recomendável. A análise de algumas celebrações transmitidas nesses meios exige refletir sobre elementos que questionam sua eficiência pastoral. O que está em questão é se garantem a finalidade que a celebração possui: gerar comunhão concreta na fé e ações efetivas de testemunho da fé no Evangelho celebrado. Nessa análise nos deteremos adiante.

O fato é que, para fazer frente à crise provocada pelo vazio dos templos, a igreja povoou o *cyberespaço*, lançando mão dos recursos digitais como “a” resposta a duas questões centrais: como garantir sustento espiritual aos fiéis e como ser presente em suas vidas, comunicando-se, interagindo com eles e acompanhando-os em suas vicissitudes. Louvável zelo pastoral, como se expressaram os bispos do Regional Sul IV da CNBB:

Estamos todos com saudades uns dos outros, desejosos de nos reencontrar: sentimos falta das Celebrações Eucarísticas, dos Sacramentos e do envolvimento direto nas Pastorais, Associações, Organismos e Movimentos. Porém, a consciência da gravidade da situação pela qual passamos, que destrói nossas economias e, sobretudo, ameaça seriamente nossa vida, o tesouro imenso que nos foi dado pelo Criador e do qual devemos

¹⁰ MODINO, Luís Miguel. COVID 19: Início de uma igreja virtual? *Revista IHU On Line*, 30/03/2020. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/597605-covid-19-o-inicio-de-uma-igreja-virtual>>. Acesso em: 10 maio 2020.

cuidar, obriga-nos a dar atenção e a considerar, de forma irrestrita, as orientações dos especialistas de saúde e autoridades competentes¹¹.

Uma análise da ação eclesial em tempos de Covid-19

A pastoral on-line

Não se pode deixar de reconhecer os elementos positivos que a “pastoral *on-line*” possui. E em tempos de pandemia, ela se apresenta como a forma que contempla toda a segurança exigida na relação com as pessoas. De certo modo, nisso a igreja mostra a capacidade de se atualizar nos recursos disponíveis para a comunicação com os fiéis. Mesmo que tal não seja o suficiente para a reinvenção nos métodos de ação pastoral, requer revisão da linguagem, objetividade na comunicação, opção por um conteúdo teológico e espiritual contextualizado na situação em que vivemos, o que garante que a sua mensagem seja significativa e que as pessoas permaneçam “conectadas”. Mas pode haver ambiguidades. A linguagem e a imagem precisam agradar. Assim, o conteúdo do Evangelho é empacotado numa embalagem que atrai, com forte ênfase no esteticismo e formalismo da ação eclesial. E nisso muitos perdem de vista o fundamental: a transmissão da boa-nova do Reino, e não um momento de lazer digital.

Portanto os recursos midiáticos precisam ser usados com criticidade. Afinal, “A técnica nunca é neutra, e, no uso que fazemos ou que ela faz de nós, estão em jogo o humano e também, nestes tempos, um anúncio autêntico do divino”¹². Por ela a mensagem do Evangelho pode até ser comunicada em sua essência. Mas na modalidade *on-line* essa comunicação tem a sua finalidade atingida apenas parcialmente. Não é, em sentido estrito, uma celebração comunitária da fé. E se os fiéis que apenas “seguem” virtualmente as ações da igreja se sentirem satisfeitos, a igreja comunidade física tem sua estabilidade ameaçada. A satisfação é decisão subjetiva, e a evangelização na modalidade virtual pode confirmar a fé em situações confortáveis e sem compromissos, confinando-a no individualismo cultural que a contradiz em sua essência. Bem orienta a diocese de Turim, Itália: “É necessário prudência, para que o nosso desejo de estar presente e a necessidade de alguém estar presente não transformem o sagrado em profano, a estética em cosmética, o desejo em capricho que pode ser satisfeito graças às tantas ofertas à disposição”¹³. Compromete-se, desse modo, o conteúdo do Evangelho quando “a mensagem que anunciamos parece então identificada com tais aspectos secundários, que [...] não manifestam o coração da mensagem de Jesus Cristo”¹⁴.

¹¹ REGIONAL SUL IV DA CNBB. Deus nunca nos abandona – Nota oficial da Presidência. (22/04/2020). Disponível em: <<https://diocesetb.org.br/noticia/bispos-de-santa-catarina-lancam-nota-sobre-a-porta>>. Acesso em: 05 maio 2020.

¹² SERVIÇO PARA O APOSTOLADO DIGITAL DA ARQUIDIOCESE DE TURIM, 2020.

¹³ SERVIÇO PARA O APOSTOLADO DIGITAL DA ARQUIDIOCESE DE TURIM, 2020.

¹⁴ PAPA FRANCISCO. *Exortação apostólica Evangelii Gaudium* – Sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Loyola; Paulus, 2013. n. 34.

Assim, não se trata de criar uma “igreja virtual” – embora tal seja uma proposta crescente na atualidade.¹⁵ A igreja é a comunidade concreta de fiéis, que se realiza pelo encontro face a face, o aperto de mão, o abraço, o olhar nos olhos, expressando que onde duas ou mais pessoas estão reunidas em nome de Cristo, ali ele está (cf. Mt 18.20), formando a sua igreja. É Cristo que forma a igreja, como afirmou Inácio de Antioquia na Carta aos Ermirrenses 8,2: *ubi Christus, ibi ecclesia catholica*¹⁶. Assim, é importante a observação de que “as relações na Rede correm o risco de formar um hábito da inutilidade da mediação encarnada num certo momento e local e, portanto, também do testemunho e da comunicação respeitável”¹⁷. Analistas percebem que se pode fazer do *cyberespaço* uma “metáfora da Igreja entendida como interconexão de fiéis em oposição à radical solidão da própria condição humana”¹⁸. Mas cientes de que “A igreja não é uma rede de relacionamentos imanentes”, pois tem um princípio e fundamento externo. E a eficácia das relações não depende da tecnologia, mas da ação do Espírito, uma vez que “a comunhão eclesial é radicalmente um ‘dom’ do Espírito”¹⁹. Bem afirmam igrejas em diálogo ecumênico que “a eficácia do Senhor recebido pelos fiéis não pode ser medida com critérios humanos, mas pertence ao âmbito da ação de Deus, livre e soberana”²⁰.

As missas *on-line*

O fato mais intrigante, em meios católicos, são as missas *on-line* celebradas sem o povo. Muitas vezes, o padre está sozinho, em sua casa ou no templo, diante de uma câmera do celular ou do computador, tendo na tela a imagem de pessoas que “assistem” à “sua” celebração. É o que testemunha um padre no Brasil:

Nestes dias [...] estou celebrando missa em minha casa, como tantos outros padres em todo o mundo. Objetivamente, faço isso sozinho, mas, na realidade, faço-o com um grupo de pessoas que participam comigo neste momento, a quem me sinto profundamente unido, cujos rostos, sem vê-los, passam pela minha mente quando oro junto com eles²¹.

Temos aqui uma prática tradicional no catolicismo: o povo não tem missa sem o padre, mas o padre pode rezar a missa sem o povo. Afinal, ele é quem possui a *potestas* de consagrar o pão e o vinho, o que constitui a essência da liturgia eucarística. Isso

¹⁵ É impressionante a infinidade de propostas que existem para isso. A título de exemplo, ver como funciona o serviço da Igreja Virtual Evangélica, pelo site <<http://www.nbz.com.br/igrejavirtual/>>. Acesso em: 10 jun. 2020. Ainda: HOERTEL, Roberta. Pastor cria igreja que só existe na internet. *Extra Digital*, 17/09/2015. Disponível em: <<https://extra.globo.com/noticias/religiao-e-fe/pastor-cria-igreja-que-so-existe-na-internet-3755626.html>>. Acesso em: 10 jun. 2020.

¹⁶ A versão inglesa da Carta está em <<https://www.newadvent.org/fathers/0109.htm>>. Acesso em: 02 jun. 2020.

¹⁷ SPADARO, Antonio. *WEB 2.0: Redes Sociais*. São Paulo: Paulinas, 2013. p. 140.

¹⁸ SPADARO, 2013, p. 140.

¹⁹ SPADARO, 2013, p. 140.

²⁰ COMISSÃO INTERNACIONAL CATÓLICO-LUTERANA. La Cena del Signore, n. 62. *Enchiridion Oecumenicum*. Bologna: EDB, 1994. p. 589-653.

²¹ MODINO, 2020.

expressa que a igreja não deixa de celebrar. Mas que igreja? Ela se reduz ao padre? É estranho não precisar de povo para que a celebração eucarística seja válida. Sim, no contexto pandêmico, tal é visto como uma circunstância excepcional/emergencial. Mas bem foi observado que “em uma situação de emergência revelamos aquilo que realmente somos”²². Ora, se é a igreja quem celebra, nesse momento o padre, sozinho, é efetivamente a igreja. Esse fato questiona a essência da celebração eucarística, a qual, na doutrina católica, é um ato do povo reunido em assembleia, que comunga do pão e do vinho transubstanciados em corpo e sangue de Cristo na celebração da comunidade eclesial.²³ Quando isso não ocorre comunitariamente, afirma-se a perspectiva litúrgica e eclesiológica pré-Vaticano II, na qual a Eucaristia é enfatizada como ato do padre, que oferece o sacrifício pelo povo. O “padre rezava a missa” em latim. O povo podia fazer outras orações, como a reza do terço. Como outrora, nestes tempos de pandemia, o povo continua “seguidor” do padre, agora pelo *Facebook* da paróquia. Acompanha o que o presidente da celebração faz, mas efetivamente não celebra.

O problema é o modelo de igreja que aqui se afirma, da *societas inequalis*, quem “pode” e quem “não pode” celebrar. E esse poder é intrínseco ao sacramento que recebemos, com uma distinção notória entre a Ordem e o Batismo. O exercício desse poder sustenta a missa do padre não apenas agora, por causa do isolamento imposto pela pandemia, mas porque assim é a doutrina. Efetivamente, o povo é dispensável para a legitimidade e a validade da celebração eucarística. Fica claro que a teologia da missa privada está longe da atualização litúrgica do Vaticano II, ou força uma interpretação estreita desse concílio, como também fragiliza a “múltipla cooperação”²⁴ entre o ministério ordenado e o sacerdócio comum dos fiéis. Não se afirma a igreja povo de Deus, o exercício da comunhão e participação, o sacerdócio batismal, a sinodalidade. O fato de o povo não ser protagonista da celebração eucarística pode indicar que não o é porque também não é protagonista da igreja. E, por outro lado, ainda é preciso verificar o *status* do padre enquanto povo... A questão que fica é: se o povo deixou de participar da celebração eucarística, ainda que forçosamente, por que o padre precisa celebrar sozinho? Não seria o caso de ele mostrar “ser povo” e, por isso, solidário no jejum eucarístico? Se assumisse a consciência de que o povo é imprescindível para a Eucaristia, porque sem povo não há igreja, certamente o padre deixaria de celebrar a Eucaristia sozinho, se é de fato a igreja que celebra.

Então, espera-se que ao passar a pandemia recuperemos a teologia conciliar da liturgia eucarística no horizonte da eclesiologia povo de Deus. De qualquer forma, é intrigante o fato de poucos padres fazerem uma autocrítica da missa privada que celebram. Se podem fazer em “situações emergenciais”, algo na doutrina e na disciplina litúrgica o possibilita fazer sempre. Essa sensação de conformismo indica o

²² RUTA, Simona Segolini. Sem presbítero não, sem povo sim... *Revista IHU On Line*. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/597318-sem-presbitero-nao-mas-sem-povo-sim-artigo-de-simona-segoloni-ruta>>. Acesso em: 30 maio 2020.

²³ Cf. BENTO XVI. *Exortação apostólica Sacramentum Caritatis*. São Paulo: Paulinas, 2007. n. 9-10, 14-15.

²⁴ DOCUMENTOS DO CONCÍLIO VATICANO II. *Decreto Presbiterorum Ordinis*. São Paulo: Paulus, 2007. n. 8.

distanciamento que ainda existe entre padre e comunidade, o sacramento da Ordem e o Batismo comum, o que questiona na raiz a igreja povo de Deus e a corresponsabilidade entre carismas e ministérios no processo de evangelização.

A eficácia da ação eclesial *on-line*

Não se pode medir a eficácia da ação eclesial *on-line*. Na verdade, não se mede a eficácia de nenhuma ação evangelizadora, pois depende da graça e da abertura que a ela os fiéis manifestam. Mas é mais complexa a questão sobre a eficácia da ação da igreja quando ela é essencialmente virtual. Em algum sentido a igreja mesma como que se configura como comunidade virtual de fiéis que pelos seus computadores ou celulares acessam o *link* para seguirem uma programação religiosa, método pelo qual seguem qualquer outra programação *on-line*. Basta um *clik* para entrar no templo virtual, acreditando que assim se conecta com Deus. Se a qualidade dessa “vivência” não é mensurável, pode-se fazer considerações sobre a eficiência do método utilizado. Acenamos para alguns elementos que julgamos fundamentais:

1) O objetivo da evangelização é criar comunidade, o que para ser real exige o encontro, a reunião física de fiéis. A comunhão na fé se expressa por uma congregação concreta de comungantes da fé. Assim é a igreja. Desse modo, o fim da evangelização está presente também no método. E por essa razão, uma ação pastoral ou uma igreja apenas virtual não condiz com a essência da mensagem pregada: o Evangelho forma a igreja como convivência na fé, no amor e no serviço, o que requer o encontro concreto, o toque, o face a face da “igreja em saída”²⁵. Isso é comunhão no sentido concreto, real. Nisso se entende missão como diálogo, aproximação, articulação de processos de transformação.²⁶ Os recursos *on-line* ajudam a conservar vínculos comunitários. E a ênfase (ou exclusividade momentânea) no seu uso se justifica como uma solução emergencial para a igreja em tempos de pandemia. Mas se tal ênfase perdurar no tempo, os vínculos comunitários se desgastam e perde-se o sentido de real pertença eclesial.

2) O que foi dito acima vale principalmente para a celebração dos sacramentos, como a Eucaristia. Há tempos é comum em meios católicos a missa transmitida pelo rádio e pela TV, bem como cultos nas comunidades evangélicas. E agora vemos intensificar essa prática pelo uso das plataformas da Web. As igrejas entendem que, por tais meios, é possível a comunhão espiritual. Mas a doutrina católica afirma que ouvir a missa pelo rádio, assistir na TV ou seguir pela internet não equivale à sua vivência sacramental. Pois, se assim fosse, a tela substituiria o altar, as imagens feitas pelos pixels substituiriam as pessoas, os bits que possibilitam a conexão substituiriam o Espírito. E os efeitos da celebração na qual se comunga “realmente” o pão e o vinho consagrados em nada seriam diferentes para quem a segue “virtualmente”. Ora, de fato, não é “a mesma” celebração: uma é a realidade cultural vivida pela comunidade ao redor do altar – ainda que pequena, com auxiliares do presidente, é a igreja celebrando; outra é

²⁵ PAPA FRANCISCO, 2013, n. 24.

²⁶ SUESS, Paulo. *Introdução à Teologia da Missão*. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 136.

a seguida pela tela do computador, da TV ou do *smartphone*: A essência da Eucaristia é a reunião da assembleia a quem Cristo se oferece, atualizando aquela reunião de Cristo com os discípulos na última ceia. Então, “A liturgia não tem espectadores, não pode ter”. Claro que o acesso virtual possibilita uma sintonia espiritual que fortalece a fé e a vivência cristãs. Mas não é comunhão sacramental. Se tal fosse, poder-se-ia fazer o mesmo com a celebração dos demais sacramentos.

3) A pandemia colocou os ministros ordenados, sobretudo os párocos, diante de sérios questionamentos sobre como exercer o seu ministério em tal contexto. De um lado, o zelo pastoral não lhes permite abrir mão do atendimento aos fiéis. De outro lado, o mesmo zelo limita esse atendimento. Mas agora, com os riscos do coronavírus, os costumeiros encontros e reuniões podem expressar falta de caridade pastoral, entendida como presença cristã junto às pessoas, sinal visível da efetiva configuração a Cristo que se encarna, se faz próximo, convive conosco.²⁷ Situação paradoxal. Os templos estão fechados ou parcialmente ocupados, as reuniões de lideranças são canceladas e as celebrações são realizadas *on-line*. Quanto possível, o atendimento pastoral é virtual. É difícil convencer fiéis que a fé no Deus da vida é o que impede a reunião para o culto no templo; que o amor à comunidade se expressa agora pelo isolamento; que a ausência física não cancela a presença da amizade e do afeto. De fato, tudo muito paradoxal. Isso requer um redimensionamento teológico e pastoral exigente: em tempos de Covid-19, urge crer que o culto a Deus não acontece apenas nos templos, mas *no viver* concreto das pessoas em seus lares, nos hospitais, nos supermercados e em outros ambientes de trabalho, ou mesmo nas ruas da cidade. E a expressão dessa fé ganha novos ritos, como as ações concretas de compaixão e de solidariedade. O termo “liturgia” recupera aqui o seu sentido original do termo grego *leitourgia*, como “função em serviço público”, o que expressa comunicabilidade, comunhão e relação entre pessoas. Nestes tempos de pandemia, isso extrapola o serviço cultural e se mostra também no atendimento à pessoa que é socialmente necessitada, infectada pelo coronavírus, aflita e angustiada por tal situação.²⁸

4) Com isso as lideranças religiosas, sobretudo ordenadas, dedicam-se ao aprendizado dos recursos eletrônicos e digitais para o atendimento das comunidades. E sobre isso ao menos três elementos merecem reflexão:

a) A ênfase dada ao culto litúrgico/missa na TV ou *on-line* – é, na verdade, quase a única atividade em muitas paróquias católicas, uma espécie de redução sacramental da evangelização. Em meios católicos ainda é difícil entender que a missa é uma forma, mas não a única, de alimentar a fé em Cristo e o compromisso com o seu Evangelho. Como foi bem observado: “Os católicos precisam dos sacramentos, mas o nosso corpo já é o templo do Espírito Santo. Na vida cristã, há uma sacramentalidade que não depende dos sacramentos em si mesmos”.

b) Exatamente aí se manifesta a segunda questão: a redução sacramental da evangelização não fortalece iniciativas, ainda que virtuais, para outras formas de cul-

²⁷ Cf. JOÃO PAULO II. *Exortação apostólica Pastores Dabo Vobis*. São Paulo: Paulinas, 2000. n. 21-23.

²⁸ Cf. MARTIN, Juan L. *No Espírito e na Verdade*. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 52.

tivo espiritual. Nisso fica clara a pobreza da criatividade pastoral: o sacramento é tudo. De um lado, não se percebe muita disposição da parte do clero católico para gerar e inovar nas propostas pastorais. De outro lado, da parte das lideranças leigas, mesmo com fácil acesso aos recursos midiáticos e digitais, falta-lhes liberdade para tomar iniciativas pastorais.

c) Possibilidades: a igreja poderia utilizar melhor o lema “fique em casa” para fortalecer a pastoral familiar, uma das que poderiam ser protagonistas do processo evangelizador durante a pandemia, fortalecendo o diálogo e a oração em família. Poder-se-ia fazer do jejum do Pão uma intensificação da comunhão na Palavra²⁹, a meditação da Bíblia pode, em muitas situações, ser mais fecunda que a missa *on-line*, com leituras e meditações bíblicas junto com as famílias reunidas em seus lares. A dinâmica da meditação e celebração da Palavra em grupos supera a rigidez do ritual da missa, e as plataformas digitais possibilitam variar a prática pastoral, por exemplo, na catequese, nos grupos de famílias e círculos bíblicos, nas pastorais sociais, com efetiva interação das pessoas.

5) Nessa redução sacramental da ação eclesial, o padre concentrou a ação evangelizadora, como se fosse o único capaz de oferecer uma orientação espiritual salutar à comunidade aflita pela pandemia. Como observou Luciani, a exclusividade da ação dos ministros nas missas *on-line* expressa o clericalismo, o sacramentalismo e a autorreferencialidade.³⁰ Aqui está o que o papa Francisco considera um dos principais males da igreja, o clericalismo.³¹ Isso é, de fato, o engessamento da ação eclesial. Tudo parte do padre e do templo, a pandemia está fora dos templos, mas a ação pastoral não sabe sair deles. O altar continua o centro de tudo, e o ministro ordenado o único líder forçando um “inoportuno protagonismo”³² frente às câmeras, confundindo os papéis de pastor e de ator. Ignora-se que é Cristo quem preside a Eucaristia, anunciando mais a si que o Evangelho, por um “cuidado exibicionista da liturgia”³³. Tal postura é criticada pelos documentos do magistério: “Contradiz a identidade sacerdotal toda tentativa de se colocarem a si mesmos como protagonistas da ação litúrgica”³⁴.

Esses elementos mostram que o novo coronavírus atingiu, debilitou e matou corpos humanos, mas não tocou no corpo eclesial; feriu gravemente a estrutura social, mas não as estruturas eclesialísticas. Em sua organização rígida fundamentada no sacramentalismo, liturgismo do templo e clericalismo, a igreja expressou, e de forma intensificada, históricas tendências que são como vírus teológico, espiritual e pastoral que adoecem e ameaçam o corpo da igreja povo de Deus.

²⁹ LUCIANI, Rafael. Es la hora de ayunar del Pan y aprender a comulgar con la Palabra. In: ÁLVAREZ, Marcelo Alarcón (Org.). *Covid19*. Santiago, Chile: MA-Editores, 2020. p. 21-29. p. 28.

³⁰ LUCIANI, 2020, p. 25.

³¹ PAPA FRANCISCO. O clericalismo é a perversão mais difícil de eliminar. *Revista IHU On Line*, 17/09/2018. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/582810-papa-francisco-o-clericalismo-e-a-perversao-mais-dificil-de-eliminar>>. Acesso em: 10 jun. 2020.

³² BENTO XVI, 2007, n. 23.

³³ PAPA FRANCISCO, 2013, n. 95.

³⁴ BENTO XVI, 2007, n. 23.

O desafio mais agudo da fé/igreja em meio à pandemia: a vivência pascal

Um crucial questionamento vivido nas comunidades católicas por causa dos templos fechados e das missas apenas *on-line* surgiu por ocasião da celebração da Páscoa. A quarentena social coincidiu com a quarentena do tempo litúrgico da Quaresma. E no final da Quaresma as pessoas se perguntavam: “Então não teremos Páscoa este ano?”. O que se pergunta é, na verdade, sobre a possibilidade ou não de ir ao templo no Domingo de Páscoa para celebrar comunitariamente a ressurreição do Senhor. Questionamento e aspiração certamente válidos da parte de quem sente a falta da reunião da assembleia eucarística, momento ápice da vida cristã e eclesial. Respostas várias enfatizaram que há muitas outras formas de celebrar a Páscoa em tempos de Covid-19. E que ela é vivida de forma mais expressiva observando as orientações de cuidado e proteção da vida. Para isso vale o lema “fique em casa!”, fazendo do próprio lar o templo e do encontro familiar para o diálogo a refeição e a oração, a liturgia pascal. A intensificação do amor familiar por esses encontros é também celebração da fé em Cristo ressuscitado. Afinal, foi num encontro semelhante que os discípulos de Emaús o reconheceram (Lc 24.13-35). E tal como o Ressuscitado se manifestou de diversas formas aos discípulos e discípulas dos primeiros tempos, também agora durante a pandemia ele se manifesta de um modo particular nas pessoas que arriscam suas vidas para manter os serviços essenciais da sociedade, particularmente os profissionais da saúde. Então, a pandemia não impede de celebrar a Páscoa. Afinal, ele está “presente no meio de nós”.

Contudo, tal resposta não convence a todos nem diminui a saudade do templo. E como há semanas não se comunga do pão e do vinho consagrados, as perguntas prosseguem: nem na Páscoa vamos comungar? Esse questionamento forçou a criatividade de ministros, que buscaram diferentes formas de possibilitar a comunhão no Domingo de Páscoa, mesmo se fora da liturgia eucarística.

É doutrina da Igreja Católica que as espécies consagradas permanecem corpo e sangue de Cristo após a celebração eucarística, o que possibilita a adoração e a comunhão fora da missa, particularmente pelas pessoas enfermas.³⁵ Com base nisso, algumas dioceses e paróquias orientam fiéis para se prepararem espiritualmente ouvindo pela TV ou pela internet o Evangelho e a pregação do domingo, fazer exame de consciência e a contrição dos pecados, dirigindo-se depois a um templo para comungar. Durante a Páscoa, o sistema adotado foi o *drive thru* – o que continua até hoje em muitas paróquias: padres e ministros/as extraordinários/as da comunhão, com o uso de máscaras e álcool em gel 70%, distribuem a hóstia consagrada nas mãos dos fiéis dentro de seus carros, que passam em fila na frente do templo. Naturalmente, atendem também quem se dirige a pé até o templo, evitando a aglomeração de pessoas.

³⁵ Cf. CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO, cân. 918: “Muito se recomenda aos fiéis que recebam a sagrada comunhão na própria celebração eucarística; no entanto, seja-lhes administrada fora da Missa, quando a pedirem por justa causa, observados os ritos litúrgicos”.

Procura-se, assim, sustentar espiritualmente os fiéis sem riscos de contágio do coronavírus. Essa iniciativa pode ter evitado o contágio do novo coronavírus, embora nem mesmo todas as precauções tomadas assegurem plenamente isso. Caso contrário, expor a vida dos fiéis pode ser uma contradição à vida afirmada na Eucaristia. E, ao menos em parte, se encaminhou também uma questão pastoral. Mas não resolve o problema teológico acima apresentado nas paróquias onde a missa é rezada apenas pelo padre. Se, ao presidir a Eucaristia, o padre age *in persona Christi capit*, é sempre oportuno lembrar que “Não se pode crer que Cristo esteja na cabeça sem estar também no corpo” (*Sacramentum caritatis*, n. 36)³⁶. E o fato de o povo não ser protagonista da celebração eucarística pode indicar que não o é porque também não é protagonista da igreja. A Eucaristia não pode dar a entender que o padre é a igreja total, que celebra, separado do povo, como se esse fosse dispensável. Afinal, “Na Assembleia eucarística, o povo de Deus é convocado e reunido”³⁷. Urge, ainda, verificar o seu *status* do padre enquanto povo... Para isso muito contribuí o papa Francisco ao alertar o presbítero para, como evangelizador, viver uma “intensa experiência de ser povo”³⁸. O modo de celebrar expressa isso.

O que (se poderia) aprender com a pandemia

Vários são os questionamentos: como ser igreja em tempos de coronavírus? O que a igreja pode aprender com a pandemia? Como será a igreja pós-pandemia? Várias podem ser as respostas e adiantamos logo a nossa: a urgente necessidade de conversão para uma igreja povo de Deus que se configura por uma real interação e corresponsabilidade de carismas e ministérios, numa variedade de iniciativas pastorais que superam o sacramentalismo, que se reconhece “em saída” do templo para testemunhar o evangelho da caridade e da solidariedade nas diversas situações e necessidades das pessoas e da sociedade, que se sustenta também da Palavra – a qual não tem como única mediação o ministro ordenado para sua proclamação e pregação – e que assume o perfil da igreja familiar/doméstica, é uma das formas privilegiadas de ser igreja e um dos melhores aprendizados neste tempo.

Na verdade, Palavra, ministérios leigos, espírito de família, testemunho no mundo, são características que configuram a igreja de sempre. Mas urgem ser fortalecidas em tempos de pandemia, como expressões concretas da igreja povo de Deus. Isso requer a opção convicta por uma “conversão pastoral”, mostrando que é em função da missão que a igreja redimensiona seu modo de ser e de agir nos diferentes contextos. Conversão e redimensionamento que exigem *kénosis* e reformas que expressam a “igreja em saída” que o papa Francisco propõe, em três principais direções:

a) *Do templo em direção ao mundo*, deixando claro que a ação de Deus não se concentra naquele espaço. O Evangelho precisa ser testemunhado em todos os

³⁶ Tirado de SANTO AGOSTINHO. *In Iohannis Evangelium Tractatus*. 21,8: PL 35, 1568.

³⁷ CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO, Cân. 899: § 2.

³⁸ PAPA FRANCISCO, 2013, n. 270.

ambientes e situações que requerem a presença da igreja como mediação da graça. Esses ambientes e situações são as realidades concretas onde estão as pessoas: os lares que precisam ser fortalecidos pela convivência do amor; os diversos ambientes de trabalho que não podem parar, mesmo durante a quarentena, como supermercados, postos de gasolina, padarias, delegacias, farmácias, unidades de pronto atendimento e hospitais; as ruas das cidades onde moram pessoas desempregadas, miseráveis, dependentes químicos, entre outros. E nesses espaços a ação de Deus usa a mediação de ministérios diversos e muito diferentes daqueles do templo, como as pessoas que arriscam a própria vida para manter a segurança de outras pessoas – profissionais da saúde e da segurança, motoboys, caixas de supermercados e dos postos de gasolina, caminhoneiros etc. São verdadeiros “voluntários e voluntárias da vida”. Esses ambientes e o agir dessas pessoas interpelam por um modo de ser igreja muito diferente da igreja-templo. Essa igreja pode propor verdadeiras transformações da sociedade em que vivemos: na *cultura*, promovendo o coletivo acima das tendências individualistas; na *economia*, reprogramando o sistema financeiro sem a avidez do acúmulo e do lucro; na *política*, com projetos sociais eficazes para garantir a estabilidade pessoal e social de todas as pessoas cidadãs. A ortodoxia teológica e doutrinal aqui se expressa pela ortopraxia em favor da justiça, da paz, da dignidade, dos direitos humanos e ambientais. Onde tal acontece, torna-se lugar/templo que cultua o Deus da “vida em abundância” (Jo 10.10), com uma liturgia que se realiza como serviço de solidariedade e de justiça às pessoas e à sociedade.

b) *Do sacramentalismo para uma diversificação da pastoral*: é preciso identificar as pastorais que, mesmo na formalidade *on-line*, atingem de uma forma mais direta as diferentes situações em que as pessoas vivem nestes tempos de Covid-19. Destacamos a pastoral familiar, os grupos de família, os círculos bíblicos e todas as pastorais sociais como as que apresentam mais chances de realizar uma ação evangelizadora eficaz para o suporte espiritual aos fiéis, mostrando a presença concreta da igreja em suas diversas situações. Podemos citar ainda a catequese, os grupos de jovens e tantas outras iniciativas similares. Importa que a opção por projetos pastorais em tempos de pandemia observe três principais critérios: 1) responder de forma mais direta possível às necessidades espirituais de fiéis que vivem em situação de quarentena; 2) possibilidade de uso inteligente dos meios eletrônicos e digitais, sobretudo favorecendo a interação e partilha, por exemplo, no formato dos grupos de família e dos círculos bíblicos; 3) expressar concretamente a solidariedade e a caridade para com as pessoas que mais sofrem situações de risco, como pessoas idosas e enfermas, desempregadas e quem vive nas ruas. O fundamental é compreender que, por causa da pandemia, a ação da igreja não pode se estruturar em torno dos sacramentos. Tomás de Aquino já ensinava que “Deus não amarra sua graça aos sacramentos” da igreja.³⁹ Embora na tradição católica a pastoral tenha os sacramentos como uma concentração privilegiada dos mistérios da fé crida e pregada, nada justifica reduzir a evangelização

³⁹ AQUINO, Tomás de. *The Summa Theologica of St. Thomas Aquinas*. London: Burns Oates and Washbourne, 1923. Parte III, Q. 61, art. 1.

à sacramentalização. Os sacramentos dão à missão da igreja uma estrutura aberta para outras formas de agir. Eles são propulsores e fortalecedores da missão que acontece por múltiplas formas. E agora que estamos sem eles, essas formas precisam ganhar precedência no agir e na vivência da fé eclesial.

c) *Do clericalismo ao sacerdócio comum dos fiéis*: o que foi até aqui considerado só ganha realidade na ação da igreja – particularmente em tempos de pandemia, mas não só – se houver um real apoderamento religioso de todas as pessoas batizadas. Isso implica possibilitar que quem exerce alguma função de liderança nas paróquias tenha *reais* condições para agir, o que implica liberdade, responsabilidade e meios: *liberdade* para planejar e decidir sobre o que fazer; *responsabilidade* para com a própria missão de pessoas batizadas como missão da igreja; *meios* e capacitação suficientes para executar o planejado. Ao ministério ordenado cabe a missão de articular, e não de concentrar, os diversos ministérios e carismas na igreja.⁴⁰ Garante-se, assim, uma real corresponsabilidade entre ministério ordenado e sacerdócio comum, o que fortalece a igreja para realizar sua missão em nossos tempos. Concretamente, as lideranças leigas que trabalham mais diretamente com a Bíblia, como coordenações dos círculos bíblicos, grupos de família, catequese, pastoral familiar e as outras diversas pastorais sociais, precisam assumir o protagonismo da missão em tempos de pandemia.

São opções exigentes, mas purificadoras dos vários vírus que ameaçam e fragilizam a vitalidade do corpo eclesial. A ênfase na Palavra, o empoderamento das pessoas leigas, o estilo familiar, a solidariedade social, um evangélico e crítico uso dos recursos midiáticos e digitais são verdadeiros antivírus que protegem e fortalecem todo o corpo eclesial em sua saúde teológica, espiritual e pastoral. Sem isso os vírus se proliferam, debilitam e podem matar a vida das comunidades.

Ainda a questão: aprendemos a lição?

O incentivo a uma pastoral bíblica, a proposição de momentos de oração nos lares e nos hospitais, a atuação concreta das lideranças leigas, o incentivo à pastoral familiar e à caridade social podem fortalecer a proposta de uma “igreja em saída”, transformando os lares e ambientes da sociedade em verdadeiros templos, recuperando o sentido da liturgia como culto a Deus nas diversas formas de defender e promover a vida. Não se trata de copiar, nesses ambientes, aquilo que se faz no templo oficial da comunidade. Trata-se de transformá-los em ambientes litúrgicos em sentido amplo, sem tendências miméticas da liturgia oficial estrita. A base para isso está no testemunho das comunidades cristãs primitivas. É uma particular concretização da igreja povo de Deus, em estreita sintonia com o Vaticano II e a tradição teológico-pastoral da igreja latino-americana.

À pergunta se “aprendemos, de fato, essa lição?”, temo que a resposta seja negativa. Se durante a pandemia, que exige mudanças significativas na sociedade como um todo, a igreja conserva o *modus essendi* tradicional, sacramentalista e clericalista,

⁴⁰ PAPA FRANCISCO, 2013, n. 119-121.

difícilmente abandonará esse comportamento após a pandemia. Esse *modus* não apenas penetrou no *esse* da igreja, mas o configura de forma determinante. E por isso não conseguimos colher as novas oportunidades que emergem dos diferentes contextos e que demandam por mudanças. Igualmente, temo que tenhamos de nos arrepender por não aproveitarmos melhor a quarentena familiar, que, mesmo se forçada, apresenta possibilidades de encontro e diálogo que fortalecem o convívio no amor. E talvez como igreja sejamos insensíveis às famílias que enfrentam dificuldades para se sustentar na prática do respeito, do perdão, da paciência e do serviço uns aos outros.⁴¹ A igreja pode ter perdido uma grande oportunidade de ajudar essas famílias. E, outra vez, fica com “os disciplinados”, realizando a “pastoral da conserva”, cuidando apenas de quem já está conosco. Para perceber isso, basta uma rápida análise do perfil das pessoas que seguem os programas religiosos *on-line*. Enfim, pode ser uma oportunidade ímpar para desenvolver a consciência de igreja doméstica, no exercício do sacerdócio batismal, sustentada também na Palavra, como testemunho ao mundo. As redes de grupos de famílias, como células de uma “igreja de tamanho humano”, podem ser caminhos importantes para dar esse novo perfil à igreja.

Urge uma reinvenção/refundamentação da igreja em alguns elementos fundamentais: 1) *Na fé*, tendo claro quem/como é o Deus que cremos e anunciamos e qual é o seu projeto para o mundo. Trata-se do Deus do Reino revelado por Jesus Cristo, que tem um amor salvífico infinito pela humanidade. Esse Deus não é o causador do mal no mundo, como a pandemia. Mas também não intervém de modo casuista para tirar o mal do mundo sem contar com a nossa colaboração responsável. É o “Deus conosco”, na alegria e na dor. 2) *Na liturgia*, a celebração da fé precisa superar o liturgismo e o sacramentalismo que têm o altar e o templo como único espaço de culto. A religião não é algo privado, as pessoas podem celebrar a sua fé em suas casas e nos diversos ambientes sociais. É preciso incentivar práticas celebrativas diversas adaptadas a esses ambientes. 3) *Na organização* da vida eclesial, superando o clericalismo pelo fortalecimento do sacerdócio comum dos fiéis. A igreja não se identifica com o padre ou o templo. A vida espiritual não depende em tudo das ordens eclesiásticas. Assim, urge uma ação evangelizadora que intensifique a conversão para uma igreja povo de Deus, priorizando sua dimensão doméstica, a ministerialidade laical e a “saída” para o mundo como lugar de culto a Deus e do testemunho do Evangelho da caridade que salva.

Uma pastoral capaz de contribuir para a reinvenção da humanidade

As necessárias mudanças nestes tempos de pandemia nos levam a indagar sobre quais delas podem permanecer para fortalecer o processo de humanização do ser humano. E nos perguntamos: *onde foi que erramos?* Sentimos a urgência de rein-

⁴¹ Pesquisas mostram que no Brasil a violência doméstica aumentou 50% desde o início do isolamento social até início do mês de maio. Cf. MAZZI, Carolina. Violência doméstica dispara na quarentena: como reconhecer, proteger e denunciar. *O Globo Sociedade*. (01/05/2020). Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/coronavirus-servico/violencia-domestica-dispara-na-quarentena-como-reconhecer-protger-denunciar-24405355>>. Acesso em: 05 jun. 2020.

ventar a humanidade. Urge aprender a viver mais e melhor com menos; diminuir o estresse; eliminar o caos das cidades; viver com gratuidade a relação com familiares, amigos e amigas; enfim, descomplexificar e descomplicar a vida, vivendo na própria essência. Como escreveu o abade cistercense aos monges de sua ordem, em março de 2020, é fundamental recuperar o sentido, nos âmbitos pessoal e social, de “parar”, “paciência”, “calma”⁴². Nessa reinvenção, as relações precisam expressar real proximidade e comunhão nos compromissos selados para um cuidado de amor e de justiça. A quarentena é um período privilegiado para pensar nas pessoas que são amigas e que amamos. É para o bem delas que nos isolamos. E, isolados e isoladas, valorizamos melhor cada instante da convivência. Ao pensar ou fazer algo, a finalidade coletiva/comunitária tem precedência. Aprendemos que os individualismos e egoísmos corrompem a existência e a coexistência tal como o vírus do qual buscamos nos defender. Então nos enchemos de bons propósitos para realizar ao retomar os encontros, o ver face a face, o tocar, o sentir próximo. Sabemos que a verdadeira relação interpessoal se dá no âmbito da reverência no mistério da outra pessoa. E somente assim ficará para trás o isolamento forçado desses tempos.

Será de fato assim? Pode ser... Mas com a condição de assumirmos a construção de um “novo normal”, indicando que na convivência social nada deverá ser como antes após o aprendizado de algumas lições fundamentais: a consciência da própria fragilidade, que fortalece a humildade e a paciência para com os próprios limites e os limites dos outros; que somos, realmente, interdependentes; que o coletivo tem primazia nas intenções e nas ações; que as relações interpessoais se primam pela compaixão que move a solidariedade e a caridade; que nas situações limites vale a “criatividade do amor”. O fato é que a quarentena secular pode intensificar a sensibilidade para o viver e o conviver. Todos dependemos de todos, numa interconexão global que desenvolve a “razão sensível e cordial”⁴³, da compaixão *versus* a indiferença. Será que aprendemos?

A reinvenção da humanidade sustenta-se em aprendizados de extrema importância, em todos os âmbitos da vida humana. Ela precisa redimensionar a cultura, a política, a economia, a religião, a relação com a natureza. A pandemia evidencia a fragilidade da aplicação desses elementos na organização da vida humana e da sociedade como um todo. A crise econômica é a mais sentida pelo fato de que as atuais sociedades estão centradas no econômico. Pesquisas do Banco Mundial anunciam um decréscimo da economia mundial em 2020 – para o Brasil, a previsão é de um decréscimo de 8% – o maior índice da América Latina, que deve se retrair em média 7,2%.⁴⁴

A reinvenção da humanidade, porém, não se dá pela salvação da economia das nações. O grande desafio é afirmar políticas públicas com base em critérios que este-

⁴² LEPORI, Mauro-Giuseppe. *Parai-vos! Saiba que eu sou Deus*. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/183176513-Parai-vos-saibas-que-eu-sou-deus.html>>. Acesso em: 04 abr. 2020.

⁴³ CODINA, 2020, p. 11.

⁴⁴ OMISSÃO DE DADOS e epidemia mais longa agravam impacto econômico da covid-19 no Brasil. *Folha de São Paulo*. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/rfi/2020/06/10/omissao-de-dados-e-epidemia-mais-longa-agravam-impacto-economico-da-covid-19-no-brasil.htm?cmpid=copiaecola>>. Acesso em: 17 jun. 2020.

jam além do econômico. Elementos como saúde, educação, ecologia precisam estar enraizados numa real lógica da justiça, da equidade, da ética, entre outros, como imprescindíveis para as relações sociais. O mercado não pode ser critério determinante para a reorganização social, e muito menos para a reinvenção da humanidade. Nesse contexto é profética a postura do governo francês ao afirmar que é preciso superar os nacionalismos e que existem bens e serviços essenciais para a vida humana coletiva que precisam “ficar fora da lei de mercado”⁴⁵. De fato, serviços essenciais como saúde, educação e recursos naturais como água, por exemplo, não devem ser concebidos de forma mercadológica ou com acesso exclusivo de uma parcela privilegiada da população. Leonardo Boff chama a atenção para a responsabilidade do Estado no desenvolvimento de políticas sociais que de fato sirvam à coletividade, como iniciativas sanitárias responsáveis e consequentes.⁴⁶

O fato é que a mentalidade mercantilista que rege a concepção da sociedade capitalista não foi abatida pelo coronavírus. Essa mentalidade se coloca em conflito com a exigência do isolamento social durante a quarentena. Propõe “salvar” a sociedade por meio da economia. Mas não consegue compreender que o colapso econômico não é causado pela quarentena, e sim por falta dela. É o que mostra o investimento de milhões de dólares destinados à cura das pessoas infectadas com coronavírus na Itália, na Espanha, nos EUA, por exemplo. Foi comprovado que uma quarentena mais rigorosa teria evitado a proliferação do vírus, o que, consequentemente, diminuiria o investimento do Estado para criar estruturas hospitalares e comprar aparelhos para o atendimento às pessoas infectadas, em geral a preços exorbitantes. Mas, como sempre, infelizmente a economia tem primazia nas decisões políticas. O vírus e os vícios econômicos afirmam-se em tempos de pandemia, contra os valores humanos e sociais.

Considerações finais

A situação de pandemia do novo coronavírus é fortemente desafiadora para a missão da igreja e a vivência da fé cristã na atualidade. Isso exige aprofundar a reflexão sobre a existência humana marcada pelo sofrimento, perguntando pelo seu sentido. Essa realidade interpela a igreja por um apurado discernimento teológico-espiritual que a leve a “descobrir *o que o Senhor tem a dizer nessas circunstâncias*”⁴⁷. As possíveis respostas precisam contribuir para um posicionamento eclesial que, de um lado, expresse a capacidade que a igreja tem de acompanhar as comunidades de fiéis, com todos os limites que a situação pandêmica impõe; e, por outro lado, fortaleça a sua solidariedade para com a humanidade inteira. Nestes tempos, em que se acentuam vulnerabilidades humanas, sociais e religiosas, é de fundamental importância afirmar que a fé em Cristo fortalece a esperança nas lutas travadas para

⁴⁵ EICHENBERG, Fernando. Contra Trump e nacionalismos, Macron tenta coordenar resposta da UE a coronavírus. *O Globo*. 14/03/2020. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/mundo/contra-trump-nacionalismos-macron-tenta-coordenar-resposta-da-ue-coronavirus-24304796>>. Acesso em: 13 jun. 2020.

⁴⁶ BOFF, Leonardo. Coronavírus: autodefesa de la propia Tierra. In: ÁLVAREZ (Org.), 2020, p. 38-43.

⁴⁷ PAULO VI, 1975, n. 43.

a superação da pandemia. Mantém-se, assim, a fidelidade eclesial ao evangelho do Reino, da “vida em abundância”. Essa fidelidade leva a igreja a potencializar as diversas forças evangelizadoras, numa positiva interação entre os ministérios ordenados e o sacerdócio comum; a espiritualidade sacramental e as diversas formas de vivência cristã, com destaque para a espiritualidade da Palavra; incentivando as comunidades de fiéis na colaboração com as iniciativas sociais que visam à proteção e ao cuidado da vida contra o coronavírus. Dessa forma, a igreja expressa sincera atenção “ao povo concreto com os seus sinais e símbolos e respondendo aos problemas que apresenta”⁴⁸.

Referências

- ANTIOQUIA, Inácio de. *Carta aos Cristãos de Esmirna*. Disponível em: <<https://www.newadvent.org/fathers/0109.htm>>. Acesso em: 02 jun. 2020.
- AQUINO, Tomás de. *The Summa Theologica of St. Thomas Aquinas*. London: Burns Oates and Washbourne, 1923.
- BENTO XVI. *Exortação apostólica Sacramentum Caritatis*. São Paulo: Paulinas, 2007.
- BOFF, Leonardo. Coronavírus: autodefesa de la propia Tierra. In: ÁLVAREZ, Marcelo Alarcón (Org.). *Covid19*. Santiago, Chile: MA-Editores, 2020. p. 38-43.
- CODINA, Victor. ¿Por qué Dios permite la pandemia y calla? ¿Es un castigo? ¿Hay que pedirle milagros? ¿Dónde está Dios?. In: ÁLVAREZ, Marcelo Alarcón (Org.). *Covid19*. Santiago, Chile: MA-Editores, 2020. p. 0-13.
- COMISSÃO INTERNACIONAL CATÓLICO-LUTERANA. La Cena del Signore. In: *Enchiridion Oecumenicum*, Bologna: EDB, 1994. p. 589-653.
- CORONAVÍRUS: Brasil passa de 45 mil mortes e total de casos supera 920 mil. *BBC News*. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-51713943>>. Acesso em: 17 jun. 2020.
- CORONAVÍRUS: EUA e Rússia devem se ajudar durante a pandemia, diz Putin. *Jornal “O Tempo”*. 02/06/2020. Disponível em: <<https://www.otempo.com.br/mundo/coronavirus-eua-e-russia-devem-se-ajudar-durante-pandemia-diz-putin-1.2325441>>. Acesso em: 02 jun. 2020.
- CORONAVÍRUS. *Folha de São Paulo*. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/09/20/covid-19-mortes-casos-20-setembro.htm>>. Acesso em: 20 set. 2020.
- DIOGO, Bercito. Presidente disse que coronavírus não era problema grave e tentou tirar verbas da saúde. *Folha de São Paulo*. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/03/com-desmonte-e-fake-news-governo-trump-prejudicou-la-reacao-ao-coronavirus.shtml>>. Acesso em: 02 jun. 2020.
- DOCUMENTOS DO CONCÍLIO VATICANO II. *Decreto Presbiterorum Ordinis*. São Paulo: Paulus, 2007.
- EICHENBERG, Fernando. Contra Trump e nacionalismos, Macron tenta coordenar resposta da UE a coronavírus. *O Globo*, 14/03/2020. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/mundo/contra-trump-nacionalismos-macron-tenta-coordenar-resposta-da-ue-coronavirus-24304796>>. Acesso em: 13 jun. 2020.
- EUA ultrapassam marca de 200 mil mortos por COVID-19. *Brasil 247*. Disponível em: <<https://www.brasil247.com/mundo/eua-ultrapassam-marca-de-200-mil-mortos-por-covid-19-c2pma7x0>>. Acesso em: 20 set. 2020.

⁴⁸ PAULO VI, 1975, n. 63.

- FAGGIOLI, Máximo. Coronavírus e a miopia religiosa. *Revista IHU On Line*, 18/03/2020. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/597205-o-coronavirus-e-a-miopia-religiosa-em-massa-artigo-de-massimo-faggioli>>. Acesso em: 05 jun. 2020.
- GUIMARÃES, Maria João. *Política e religião em tempo de novo coronavírus*. Disponível em: <<https://www.publico.pt/2020/03/09/mundo/noticia/politica-religiao-tempo-novo-coronavirus-1907034/amp>>. Acesso em: 20 mar. 2020.
- JOÃO PAULO II. *Exortação apostólica Pastores Dabo Vobis*. São Paulo: Paulinas, 2000.
- LEPORI, Mauro-Giuseppe. *Parai-vos! Saibas que eu sou Deus*. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/183176513-Parai-vos-saibas-que-eu-sou-deus.html>>. Acesso em: 04 abr. 2020.
- LUCIANI, Rafael. Es la hora de ayunar del Pan y aprender a comulgar con la Palabra. In: ÁLVAREZ, Marcelo Alarcón (Org.). *Covid19*. Santiago, Chile: MA-Editores, 2020. p. 21-29.
- MAZZI, Carolina. Violência doméstica dispara na quarentena: como reconhecer, proteger e denunciar. *O Globo Sociedade*. 01/05/2020. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/coronavirus-servico/violencia-domestica-dispara-na-quarentena-como-reconhecer-protger-denunciar-24405355>>. Acesso em: 05 jun. 2020.
- MARTIN, James. A fé em tempos de coronavírus. *Revista IHU On Line*. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/597119-a-fe-em-tempos-de-coronavirus-artigo-de-james-martin>>. Acesso em: 05 maio 2020.
- MARTIN, Juan L. *No Espírito e na Verdade*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- MODINO, Luís Miguel. COVID 19: Início de uma igreja virtual? *Revista IHU On Line*, 30/03/2020. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/597605-covid-19-o-inicio-de-uma-igreja-virtual>>. Acesso em: 10 maio 2020.
- MOORE, Michael P. ¿Un Dios ‘anti-pandemia’, un Dios ‘postpandemia’ o un Dios ‘en-pandemia’? In: ÁLVAREZ, Marcelo Alarcón (Org.). *Covid19*. Santiago, Chile: MA-Editores, 2020. p. 47-56.
- OMISSÃO DE DADOS e epidemia mais longa agravam impacto econômico da covid-19 no Brasil. *Folha de São Paulo*. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/rfi/2020/06/10/omissao-de-dados-e-epidemia-mais-longa-agravam-impacto-economico-da-covid-19-no-brasil.htm?cmpid=copiaecola>>. Acesso em: 17 jun. 2020.
- PAPA FRANCISCO. O clericalismo é a perversão mais difícil de eliminar. *Revista IHU On Line*, 17/09/2018. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/582810-papa-francisco-o-clericalismo-e-a-perversao-mais-dificil-de-eliminar>>. Acesso em: 10 jun. 2020.
- _____. *Exortação apostólica Evangelii Gaudium* – Sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Loyola; Paulus, 2013.
- PASTOR faz batismos online durante pandemia. (02/06/2020). *CPAD NEWS*. Disponível em: <<http://www.cpadnews.com.br/universo-cristao/50017/pastor-faz-batismos-online-durante-pandemia.html>>. Acesso em: 23 set. 2020.
- PAULO VI. *Exortação apostólica Evangelii Nuntiandi*. São Paulo: Paulinas, 1975.
- REGIONAL SUL IV DA CNBB. Deus nunca nos abandona – Nota oficial da Presidência. 22/04/2020. Disponível em: <<https://diocesetb.org.br/noticia/bispos-de-santa-catarina-lancam-nota-sobre-a-porta>>. Acesso em: 05 maio 2020.
- RUTA, Simona Segolini. Sem presbítero não, sem povo sim... *Revista IHU On Line*. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/597318-sem-presbitero-nao-mas-sem-povo-sim-artigo-de-simona-segoloni-ruta>>. Acesso em: 30 maio 2020.
- SERVIÇO PARA O APOSTOLADO DIGITAL DA ARQUIDIOCESE DE TURIN – ITÁLIA. Tecnologia, coronavírus, casa e fé. *Revista IHU On Line*. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/597238-coronavirus-vida-e-fe-no-ambiente-digital-um-manual>>. Acesso em: 05 maio 2020.

SPADARO, Antonio. *WEB 2.0: Redes Sociais*. São Paulo: Paulinas, 2013.

SUESS, Paulo. *Introdução à Teologia da Missão*. Petrópolis: Vozes, 2007.

UNIVERSIDADE JOHNS HOPKINS (Baltimore, EUA). *Onde a pandemia avança e recua no mundo*. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-53047836>>. Acesso em: 17 jun. 2020.

VANUCHI, Camilo. *A pandemia de Covid-19 segundo Bolsonaro: da “gripezinha” ao “e daí?”*. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/colunas/camilo-vannuchi/2020/04/30/a-pandemia-de-covid-19-segundo-bolsonaro-da-gripezinha-ao-e-dai.htm?cmpid=copiaecola>>. Acesso em: 20 maio 2020.